

## TROFÉU "PIRAQUARA - 74"

Este laurel é oferecido anualmente pelo Rotary Clube de Guaratinguetá a uma cidade de nossa região e a um intelectual da mesma que se tenha destacado, em cada ano, pela sua participação na vida regional, através de seus trabalhos no campo cultural.

No ano de 1974 a cidade escolhida foi a de Cruzeiro e o Intelectual do Ano, designado para receber esse trofeu, foi o Professor Hilton Federici, natural da mesma e atualmente residindo em Campinas.

O discurso que o homenageado pronunciou na cerimônia de entrega dessa láurea, a 26 de novembro de 1974, é aqui reproduzido na íntegra. Suas palavras são um retrato completo da cidade de Cruzeiro, analisada esta na sua formação, evolução e características, comparadas ainda com as que predominam em nosso Vale do Paraíba. Por último, o autor finaliza a oração relatando alguns poucos aspectos de sua vida particular, relacionados com a área de onde é originário.

Foi considerando a honra com que o Rotary Clube de Guaratinguetá distinguiu a nossa cidade que o

# BANCO REAL

através de sua agência aqui recentemente instalada, resolveu oferecer ao público cruzeirense estas páginas, que marcam um grande passo na vinculação de Cruzeiro aos meios culturais valeparaibanos.

*A Gerência  
do  
Banco Real S.A.*  
Avenida Jorge Tibiriçá, 508  
(janeiro de 1975)

Contemplados com o *Troféu Piraquara* e o título de *Intelectual do Ano no Vale do Paraíba*, desde a sua instituição:

- |                            |                                    |
|----------------------------|------------------------------------|
| 1966 - S. José dos Campos  | - Cassiano Ricardo Leite           |
| 1967 - S. Bento do Sapucaí | - Plínio Salgado                   |
| 1968 - Lorena              | - Péricles Eugênio da Silva Ramos  |
| 1969 - Guaratinguetá       | - Francisco de Assis Barbosa       |
| 1970 - Cachoeira Paulista  | - Ruth Guimarães Botelho           |
| 1971 - Aparecida           | - Conceição Borges Ribeiro Camargo |
| 1972 - Bananal             | - Agostinho Ramos                  |
| 1973 - Pindamonhangaba     | - J. A. César Salgado              |
| 1974 - Cruzeiro            | - Hilton Federici                  |



Sto Celso, com  
um abraço, esta  
lembração do

~~Filim Frederico~~  
Campinas, 18-jan-75

- Exmo. Sr. Dr. Otávio de Sousa Miranda, DD. Presidente do Rotary Clube de Guaratinguetá, entidade patrocinadora desta reunião;
- Exmo. Sr. Dr. Geraldo Vilhena de Almeida Paiva, DD. Governador do Distrito 460;
- Exmo. Sr. Dr. José Assunção Nepomuceno, DD. Representante do Sr. Prefeito desta cidade;
- Exmo. Sr. Darci Vieira, DD. Vice-Prefeito de Guaratinguetá;
- Exmo. Sr. Clóvis da Silva Xatara, DD. Presidente da Câmara Municipal desta cidade;
- Exmo. Sr. João Madureira, que aqui representa a Câmara Municipal de Cruzeiro;
- Exmo. Sr. Brigadeiro do Ar Stetson Machado, DD. Comandante da Escola de Especialistas da Aeronáutica aqui sediada;
- Demais Autoridades componentes da Mesa;
- Senhores rotarianos de Cruzeiro, cujas presenças me enchem de júbilo por ser uma afirmação autêntica de solidariedade;
- Senhor Dr. Lycurgo de Castro Santos, DD. Presidente da Academia Campinense de Letras;
- Prezadíssimos colegas do Colégio Estadual "Culto à Ciência";
- Senhores rotarianos do Vale do Paraíba;
- Meus Senhores e distintas Senhoras;
- Meus familiares.

Pela oitava vez consecutiva, numa seqüência perfeitamente regular, digna mesmo de ser salientada, os senhores rotarianos de Guaratinguetá reúnem-se para homenagear, desta vez, a mais jovem cidade da região na pessoa de um de seus filhos mais velhos, indicado para receber a láurea "Piraquara-74", não tanto pelos possíveis méritos de quem a está recebendo, porém, muito mais pela largueza de coração dos seus outorgantes.

Em meu ponto de vista reputo que devemos associar esta cerimônia a uma festa de **integração valeparaibana**, promovida pelos senhores rotarianos da Atenas da nossa região, levando mesmo a considerá-la como uma solenidade em que os dirigentes da entidade rotária local abrem as portas da sua cidade, para nela acolherem o representante de uma aglomeração urbana que mal ensaia os seus primeiros passos rumo às expressões mais elevadas da cultura.

Atentem bem para este fato: esta cidade, que é Cruzeiro, ainda não atingiu setenta e cinco anos da sua definitiva categorização como sede do município, outrora localizada no núcleo primitivo, que foi o Embaú. Eis a razão de poder ser apontada como a cadete da região, hoje tomando assento, aqui nesta reunião, ao lado dos marechais da cultura regional.

Nós, os cruzeirenses, aceitamos o fato como a prova mais qualificável do modo como os elementos de expressividade de Guaratinguetá sabem dar a tudo que fazem pela valorização e fortalecimento da obra de **unidade sentimental** do nosso querido Vale do Paraíba. Tal fato só podia mesmo partir de uma entidade rotária, veterana instituição mundial, que sabe congregar homens de ação e de efetiva boa vontade, num flagrante desmentido ao já superado espírito individualista do homem brasileiro.

Senhoras e Senhores!

Se esta festa é para Cruzeiro, permitam-me caracterizar, de modo sumário, o que é a cidade homenageada, para que todos possam avaliar o que virá a significar para ela esta láurea que hoje lhe é atribuída.

Ponhamos de lado aquela visão material de como ela se apresenta: ruas largas, edifícios relativamente novos, simetria de quarteirões a qual lhe confere aquela imagem clássica de um tabuleiro de xadrez, tudo isso a par de uma ampla e variegada movimentação mecanizada que confere à urbe o aspecto típico de um centro dinâmico e pujante!

Para enriquecer-lhe a imagem, devemos acrescentar os dois elementos fundamentais da natureza valeparaibana: "o lendário Paraíba, orgulhoso a te banhar", na expressão exata do hino oficial da cidade(1), e a portentosa Mantiqueira, cujas escarpas estão quase debruçadas sobre a área urbana, emprestando-lhe, com suas silhuetas, um panorama inexistente em qualquer outro ponto da região.

Mas não é esse o aspecto que mais deve ser focado na reunião de hoje. Devemos considerar Cruzeiro como uma autêntica "cidade-fronteira", fronteira que é no espaço e no tempo. Ao chegar ali, o visitante nota que a característica básica do Vale, que é a sua planície sedimentar, já está desaparecida, perdendo-se, então, aquela amplidão dos horizontes que foi a tônica dominante. Presa entre a morraria que lhe fecha os horizontes, surgem, bem próximas, as escarpas da Mantiqueira que fazem a moldura do alvéolo em que a cidade tão bem se encaixa. Do outro lado, ao norte de suas fronteiras, começa a surgir o mundo acidentado do planalto sul-mineiro, ao qual a região valeparaibana sempre esteve profundamente vinculada, cabendo a Cruzeiro a glória ímpar, em nossa história colonial, de possuir em seu território o famoso vale do Passa Vinte, que se tornou, por longo tempo, a rota preferida do bandeirismo, em demanda das terras auríferas das Minas Gerais.

Mas não é esta ainda, a característica que mais nos deve impressionar, pois tudo que lhes narrei está presente até aos olhos do mais frágil observador do quadro da natureza.

Mais importante para Cruzeiro que as fronteiras do espaço são as suas fronteiras do tempo. Isto porque a aglomeração urbana, que é a atual cidade, só começou a surgir na região valeparaibana, quando esta começava a sentir o decréscimo assustador da sua produção cafeeira, expressão máxima das suas atividades econômicas.

Com esse declínio foi sendo rompida, na nossa área, aquela harmonia clássica que, por mais de meio século, comandou a vida regional, estruturada nas bases de um sistema econômico monocultor e escravocrata, apoiado nas sólidas bases oferecidas pelos imensos cafezais.

O município de Cruzeiro quase nada usufruiu desse esplendor, não vivendo em profundidade, mesmo em seus primórdios, essa fase cafeeira que criou e consolidou, aqui na região, as bases da nossa característica aristocracia rural.

É originalíssimo o aparecimento da cidade de Cruzeiro, que é o

---

(1) A "Canção de Cruzeiro", que é o hino oficial da cidade, é de autoria (letra e música) do Sr. Cesar Federici, pai do autor deste discurso.

mais gritante contraste na área em que se fixou. Quando a estrada de ferro fazia o seu aparecimento no Vale, lá pelo último quartel do século passado, Cruzeiro dava-se ao luxo, demasiado mesmo para a época, de ver assentadas em seu território duas linhas ferroviárias, sendo que uma delas, aí intersectante, mantinha na cidade, que com ela nasceu, as suas instalações de direção e funcionamento.

Tal qual uma criança ao nascer, o primeiro vagido desta cidade foi o silvo da locomotiva, a verdadeira força que a fez nascer e comandou-lhe o ritmo de vida até aproximadamente a II Guerra Mundial, marcando-lhe o evoluir e as pulsações da sua vida, como as sístoles e diástoles de de um coração humano.

Se a vida econômica de Cruzeiro não teve, em seu território, aquelas prosaicas rodas-d'água, que encheram a paisagem rural dos municípios da região, animando-lhes as atividades agrárias, a minha jovem cidade teve, no entanto, a força mais poderosa das máquinas a vapor, as quais, desde o alvorecer da vida urbana, encheram a atmosfera cruzeirense com a agitação metódica e calibrada das suas engrenagens.

Em Cruzeiro o dinamismo da vida não adveio do campo. Cruzeiro já nasceu cidade, quase sem dependência das atividades inerentes ao mundo rural. E desde o seu alvorecer cresceu com relativo vigor, vindo a caracterizar-se como o mais original exemplo de urbanização no Vale do Paraíba.

Sendo jovem, falta-lhe, por certo, aquela base sólida de uma sociedade mais enraizada, que tivesse a escudar-lhe a tradição de gerações e gerações vividas e consolidadas no seu próprio território, que foi o fato que caracterizou as demais comunidades de sua área. Nem poderia ser de outro modo. Se Cruzeiro não pode bordar os seus quadros históricos com a presença honrosa dos "barões assinalados", tão característicos da aristocracia rural do Vale, compensou, em parte, a ausência desses valores com a presença contínua de uma plêiade de ilustres engenheiros ferroviários, alguns que vieram a destacar-se como expoentes nacionais da modalidade, deixando raízes bem perceptíveis na vida local.

Foi assim, à base dos meios de transporte, calcados na vida e na força da ferrovia, que se viu surgir e crescer, aqui no nosso lendário Vale, a imagem nova de uma cidade, tornando-se ímpar por ter vivido apoiada num autêntico "complexo ferroviário".

Faltaram a Cruzeiro os aspectos típicos do binômio "senhor - escravo". A este opôs-se a feição de uma nova estrutura social, com o

predomínio de homens integrados nas atividades transportadoras, de que a ferrovia era o pedestal.

A ele foram-se agregando as variadas categorias de funcionários dos escritórios e das não menos variadas funções do operariado. Como a cidade não poderia viver sem os agentes das funções econômicas, desde os primeiros dias foi sendo formada uma pequena burguesia dos que se empenhavam nas atividades comerciais.

Tão sólidas foram essas raízes do complexo ferroviário que, mesmo quando em 1936 foi consumada a remoção das instalações e órgãos diretivos da ferrovia para longe da cidade, passados poucos anos de estagnação e redução do ritmo de vida, foi apoiada nessa mesmíssima infraestrutura humana e tecnológica que a aglomeração cruzeirense viu a retomada de sua marcha ascencional, agora até mesmo em ritmo mais acelerado. Qual nova Fênix da mitologia, a cidade de Cruzeiro renasceu das próprias cinzas em que parecia ter-se consumido. E o fez com mais vigor ainda.

\*

Foi exatamente por essa época que me afastei de Cruzeiro para o fim específico de estudar na recém-fundada Universidade de São Paulo, em sua novel e pouco conhecida Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em cursos simultâneos de História e Geografia. Quanto bendigo hoje a hora iluminada dessa escolha! Isto pelo fato de, por meio dos conhecimentos lá adquiridos, melhor vir a conhecer a natureza e a estrutura social do Vale do Paraíba, através da pesquisa de sua história, o que me fez amá-la mais ainda, por força de uma nova componente, que não era mais a da simples razão emotiva.

\*

Foi a partir daí que vim a fixar-me no magistério secundário oficial. Por quatro vezes, em um decênio, tentei o retorno e fixação aqui no Vale querido de minhas raízes. Pelas mesmas vezes os fados, soberanos, conspiraram contra as minhas pretensões. Foi quando um concurso no magistério empurrou-me, é bem o termo, para a cidade de Campinas, exatamente em dias em que eu, transitóriamente, exercia o cargo de professor, no prestigioso Instituto de Educação "Conselheiro Rodrigues Alves".

Foi, então, daqui de Guaratinguetá que, definitivamente, desprendi as amarras que ainda me fixavam ao Vale.

Entre desolado e esperançoso, vim a fixar-me, em 1949, na hoje

importante cidade de Campinas, onde trabalhei vinte anos, ininterruptamente, no conhecido, afamado e hoje já centenário Colégio Estadual "Culto à Ciência", nele colhendo, em 1968, a minha aposentadoria em posto do magistério secundário oficial paulista.

Mas nem distância nem aposentadoria puderam quebrar em mim o amor pela região em que vi a luz do dia: Pelo contrário! Calcado nos conhecimentos que ia adquirindo, fui pacientemente elaborando uma série de estudos, alguns já publicados e outros efetivamente concluídos, à espera da hora de serem publicados. O primeiro de uma série melhor estruturada já se tornou realidade: é o volume referente à análise das condições em que surgiu apenas o município de Cruzeiro e a sua velha e primitiva sede: o Embaú. Tudo foi estudado nas suas vinculações com o Bandeirismo, com a nossa região e com o Sul de Minas. Outros virão em breve, porque agora posso dedicar-me mais intensamente à pesquisa, por dispor de mais tempo para a consecução da meta a que me propus desde quando era jovem.

\*

Portanto, rotarianos de Guaratinguetá, Cruzeiro e de outras cidades aqui representadas, os senhores estão fazendo hoje, sem o perceber, uma ação de dupla característica: integrar uma cidade nova no elevado rol das atividades culturais da região e receber o compromisso de tornar, de minha parte, mais intenso o esforço em prol dos estudos valeparaibanos.

Os senhores rotarianos de Guaratinguetá acabam de colocar um filho deste abençoado Vale na galeria honrosa dos grandes vultos da cultura regional. Recebo esta láurea para oferecê-la ao berço natal. Bem sei, também, que o mérito das obras realizadas só podem ser resgatadas com um símbolo de honra. Aceito o Troféu "Piraquara" com desvanecimento.

\*

Senhores e Senhoras aqui presentes:

Permitam-me encerrar estas palavras com uma atitude de saudade, na rememoração de fatos, hoje quase perdidos na memória. Sou um ex-aluno do veterano Ginásio São Joaquim, de Lorena. Ali fiz toda a minha formação cultural básica, sob a orientação dos dedicados salesianos.

Hoje me é agradável rever nomes de antigos colegas de juventude que ainda emprestam a sua efetiva participação aos problemas da região. Honra-me agora, por exemplo, com sua presença aqui conosco, o Exmo. Sr. Dr. Licurgo de Castro Santos, Presidente da Academia Campinense de Letras e hoje com toda a probabilidade, prestes a ser admitido na

Academia Paulista de Letras. (2)

Entre os "irmãos-piraquaras" cito com respeito a figura do guaratinguetaense Francisco de Assis Barbosa, hoje alcandorado à elevada condição de membro da Academia Brasileira de Letras. Como nós dois, também freqüentou o Ginásio São Joaquim. Temos nós tres, porém, imortalidades graduadas: a do filho de Guaratinguetá se estende das posições equatoriais do Roraima até o extremo sul do país, no Chuí; a do Sr. Presidente da Academia Campinense deverá terminar aí pelas alturas de Queluz; a minha, a do círculo concêntrico menor, eu a vejo quase sempre, pois, quando saio de Campinas, pareço estar vendo nas suas divisas uma placa com a inscrição limitadora: "**ibi deficit immortalitatem tuam**" (Aqui termina a tua imortalidade).

Pelo fato de ter trabalhado aqui em Guaratinguetá por duas vezes, fiz amigos e hoje tenho a satisfação de encontrar nomes de ex-alunos pontificando nos quadros da vida local e regional.

\*

Resta-me fazer uma referência ao nosso Instituto de Estudo Valeparaibanos, que homens de Guaratinguetá empreenderam fundar, trazendo para esta culta cidade a primazia de aqui centralizar e capitanear os estudos regionais. É a maior prova do sentido integrador de que os homens desta Atenas valeparaibana sabem pôr nos seus esforços em prol da nossa região. Ao Instituto estou filiado desde o primeiro momento e destaco que o mesmo está formando, entre os seus componentes, uma equipe valiosa de homens e mulheres voltados para os estudos da região.

\*

Senhores e Senhoras !

Esta noite se revela para mim como o ápice de um facho de miríficas recordações que já se estão perdendo nas brumas do tempo. E nesta hora de recordações a entidade rotária de Guaratinguetá rende homenagem à mais jovem cidade do Vale do Paraíba, atribuindo a um seu filho essa homenagem. Agradeço-lhes, reverente, a homenagem que hoje recebemos, eu e minha cidade.

E será com versos de um poeta da nossa região que encerro a minha oração, nesta comovedora cerimônia.

---

(2) A sua eleição ocorreu dez dias após o pronunciamento dessas palavras, a 5 de dezembro de 1974.

É o soneto "Elogio da Velhice", de João Gurgel Júnior, (3) que passo a dizer-lhes:

Longevidade que chegou pausada  
E ao que sou grato exuberantemente,  
Pois que chegando ao fim da caminhada,  
Amando a vida, envelheci contente.

Cabeça branca e de feição mudada,  
Das galas todas deste mundo ausente.  
Que mais desejo da existência? Nada!  
No entanto, ainda, reverentemente,

Sem que rogasse, ou que jamais pedisse,  
Contrito, humilde e unguido de emoção,  
De Deus recebo o prêmio da velhice

Que me concede, na maturidade,  
Esse consolo da recordação  
E a imensa graça de sentir SAUDADE!

*O Professor Hilton Federici é licenciado em Geografia e História pela Universidade de São Paulo (turma de 1939); Ex-Professor do Colégio Estadual "Culto à Ciência", de Campinas, S.P. (de 1949 a 1968); membro da Academia Campinense de Letras, onde ocupa a cadeira que tem por patrono Afonso de Taunay; Sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Membro da Associação Nacional de Professores Universitários de História; Membro do Instituto de Estudos Valeparaibanos; Professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.*

*Lançou agora, em sua cidade natal, o volume I da História de Cruzeiro, em que analisa as origens e a formação do nosso município. No volume II promete analisar as origens da cidade.*

Editado por

ATIVA – Promoções Culturais Ltda. Av. Moraes Salles, 1609 - Fone 9.3330 - Campinas, SP